


A EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL: SUPERANDO O ETARISMO E PROMOVENDO A INCLUSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

INTERGENERATIONAL EDUCATION: OVERCOMING AGEISM AND PROMOTING INCLUSION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

LA EDUCACIÓN INTERGENERACIONAL: SUPERANDO EL EDISMO Y PROMOVRIENDO LA INCLUSIÓN EN EL ENTORNO ESCOLAR

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-296>

Data de submissão: 27/11/2025

Data de publicação: 27/12/2025

José Flávio da Paz

Doutor em Estudos Literários

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

E-mail: jfp1917@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6600-9548>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>

Francisca Lusía Serrão Ferreira

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação

Instituição: Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

E-mail: franciscaserrao13@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/000-0001-9412-4554>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3256581133250466>

Gilma da Silva Pereira Rocha

Doutora em Educação

Instituição: Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)

E-mail: rochagsp@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2323-3902>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9847271786771705>

Imaculada Conceição Fernandes Costa

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Católica de Brasília (UCB)

E-mail: imaculadacostauab@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5362-0060>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3893002173440532>

Vaniz Walber

Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior

Instituição: Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: vwalber@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6401-4735>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9401223019510799>

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar a educação intergeracional e suas contribuições para a superação do etarismo no ambiente escolar, promovendo a inclusão de jovens, adultos e idosos no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa visa identificar práticas pedagógicas que favoreçam a convivência harmoniosa entre diferentes faixas etárias e discutir as implicações do etarismo no contexto educacional. Também serão abordadas estratégias de formação docente e políticas públicas voltadas para a inclusão de diversas gerações no espaço escolar. A metodologia adotada para esta investigação será predominantemente qualitativa, com ênfase na revisão literária de estudos acadêmicos, artigos e livros sobre educação intergeracional, etarismo, diversidade etária e políticas educacionais inclusivas. Serão revisadas as principais teorias educacionais que discutem a interação entre diferentes faixas etárias e os benefícios dessa interação para o aprendizado coletivo. As principais referências que subsidiarão o estudo incluem autores como Paulo Freire, que discute a educação como prática de liberdade e colaboração, e Kenneth Gergen, que investiga a aprendizagem intergeracional e os impactos da convivência entre gerações na sociedade atual. Outros estudos serão considerados, com foco nas práticas pedagógicas inclusivas e na formação de professores para trabalhar com essas diferenças. Espera-se que os resultados apontem para a eficácia da educação intergeracional como ferramenta para a redução do etarismo nas escolas e para a construção de um ambiente de aprendizado mais colaborativo, solidário, equitativo e inclusivo. Espera-se também que o estudo demonstre a importância de políticas públicas que incentivem a convivência entre gerações no ensino formal e a necessidade de letramento dos educadores para lidar com a diversidade etária. Por fim, os resultados poderão contribuir para a formulação de estratégias pedagógicas que promovam a troca de saberes e experiências entre jovens, adultos e idosos, criando um espaço educacional que valorize a diversidade e o respeito mútuo.

Palavras-chave: Educação Intergeracional. Etarismo. Inclusão Educacional. Diversidade. Políticas Públicas Educacionais.

ABSTRACT

This study aims to investigate intergenerational education and its contributions to overcoming ageism in the school environment, promoting the inclusion of young people, adults, and older adults in the teaching-learning process. The research aims to identify pedagogical practices that favor harmonious coexistence between different age groups and discuss the implications of ageism in the educational context. Teacher training strategies and public policies aimed at the inclusion of different generations in the school environment will also be addressed. The methodology adopted for this investigation will be predominantly qualitative, with an emphasis on a literature review of academic studies, articles, and books on intergenerational education, ageism, age diversity, and inclusive educational policies. The main educational theories that discuss the interaction between different age groups and the benefits of this interaction for collective learning will be reviewed. The main references that will support the study include authors such as Paulo Freire, who discusses education as a practice of freedom and collaboration, and Kenneth Gergen, who investigates intergenerational learning and the impacts of coexistence between generations in today's society. Other studies will be considered, focusing on inclusive pedagogical practices and the training of teachers to work with these differences. The study is also expected to demonstrate the importance of public policies that encourage intergenerational coexistence in formal education and the need for educators to be literate in order to deal with age diversity. Finally, the results may contribute to the formulation of pedagogical strategies that promote the exchange of knowledge and experiences between young people, adults, and the elderly, creating an educational space that values diversity and mutual respect.

Keywords: Intergenerational Education. Ageism. Educational Inclusion. Diversity. Public Education Policies.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es investigar la educación intergeneracional y sus contribuciones para superar el edadismo en el entorno escolar, promoviendo la inclusión de jóvenes, adultos y personas mayores en el proceso de enseñanza-aprendizaje. La investigación tiene como objetivo identificar prácticas pedagógicas que favorezcan la convivencia armoniosa entre diferentes grupos de edad y discutir las implicaciones del edadismo en el contexto educativo. También se abordarán estrategias de formación docente y políticas públicas orientadas a la inclusión de diversas generaciones en el espacio escolar. La metodología adoptada para esta investigación será predominantemente cualitativa, con énfasis en la revisión bibliográfica de estudios académicos, artículos y libros sobre educación intergeneracional, edadismo, diversidad de edad y políticas educativas inclusivas. Se revisarán las principales teorías educativas que discuten la interacción entre diferentes grupos de edad y los beneficios de esta interacción para el aprendizaje colectivo. Las principales referencias que sustentarán el estudio incluyen autores como Paulo Freire, que discute la educación como práctica de libertad y colaboración, y Kenneth Gergen, que investiga el aprendizaje intergeneracional y los impactos de la convivencia entre generaciones en la sociedad actual. Se tendrán en cuenta otros estudios, centrados en las prácticas pedagógicas inclusivas y en la formación de los profesores para trabajar con estas diferencias. También se espera que el estudio demuestre la importancia de las políticas públicas que fomentan la convivencia entre generaciones en la enseñanza formal y la necesidad de alfabetizar a los educadores para que puedan lidiar con la diversidad de edades. Por último, los resultados podrán contribuir a la formulación de estrategias pedagógicas que promuevan el intercambio de conocimientos y experiencias entre jóvenes, adultos y ancianos, creando un espacio educativo que valore la diversidad y el respeto mutuo.

Palabras clave: Educación Intergeneracional. Edadismo. Inclusión Educativa. Diversidad. Políticas Públicas Educativas.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade geracional nas instituições educacionais, desde a educação infantil até a educação de jovens, adultos e idosos, é um fenômeno crescente no cenário contemporâneo. Cada vez mais, diferentes gerações convivem e interagem no ambiente escolar, formando um espaço de aprendizado único, onde a troca de experiências e conhecimentos se dá de maneira dinâmica. As diferenças etárias entre alunos e educadores podem ser uma rica fonte de aprendizado, desde que sejam respeitadas as especificidades de cada faixa etária e as potencialidades de cada geração sejam reconhecidas e valorizadas.

No entanto, a convivência entre diferentes gerações em um mesmo ambiente de aprendizado não está isenta de desafios. O etarismo, a discriminação baseada na idade, pode se manifestar de diversas maneiras, tanto por parte dos educadores em relação aos alunos quanto entre os próprios estudantes. O preconceito contra a capacidade de aprendizagem de idosos ou a visão distorcida sobre os jovens, frequentemente rotulados como "imediatistas" ou "falta de comprometimento", são apenas algumas das formas pelas quais o etarismo se apresenta no campo educacional.

Neste contexto, a educação intergeracional surge como uma prática pedagógica fundamental para promover a inclusão, respeito e valorização das diferenças etárias. A implementação de estratégias que fomentem o aprendizado entre diferentes gerações pode melhorar o ambiente escolar, enriquecer o processo educativo e ajudar a combater estereótipos e preconceitos relacionados à idade. Este texto busca analisar como a diversidade geracional e o etarismo se refletem no campo educacional, além de propor soluções para criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, onde as trocas entre as gerações possam ser benéficas para todos os envolvidos.

A partir de uma análise crítica sobre a convivência entre diferentes faixas etárias, discutiremos o impacto positivo da diversidade geracional na educação, as formas de manifestação do etarismo nas escolas e como práticas pedagógicas intergeracionais podem ser implementadas para promover a igualdade e o respeito entre as idades.

No contexto educacional, a diversidade geracional se refere à convivência de diferentes faixas etárias em um mesmo espaço de aprendizado. Esse conceito, que normalmente é aplicado ao ambiente corporativo, também possui grande relevância nas escolas, universidades e em programas de educação para jovens e adultos. A interação entre crianças, jovens, adultos e idosos no contexto educacional pode ser uma rica fonte de aprendizado, pois cada grupo traz consigo um conjunto de experiências e perspectivas únicas que podem enriquecer o processo pedagógico.

Quando bem aproveitada, a diversidade geracional na sala de aula oferece uma série de benefícios tanto para os alunos quanto para os educadores. Kalleberg (2011) defende que a diversidade

entre gerações nas escolas promove um ambiente de aprendizagem mais completo, no qual as diferentes formas de ver o mundo podem ser compartilhadas. Por exemplo, as crianças e os jovens, com sua adaptabilidade às novas tecnologias, podem contribuir para a compreensão de novos conteúdos digitais, enquanto os mais velhos, com suas experiências de vida e formação, podem transmitir conhecimentos fundamentais sobre valores, ética e cultura.

Kalleberg (2011) afirma que,

(...) a integração de diferentes faixas etárias em um ambiente educacional cria um espaço fértil para o aprendizado mútuo. As gerações mais novas podem ser mais ávidas por aprender tecnologias emergentes, enquanto as mais velhas podem compartilhar uma sabedoria prática que é essencial para a construção do caráter e do entendimento profundo de temas complexos (Kalleberg, 2011, p. 45).

Além disso, programas de educação intergeracional têm sido adotados com o objetivo de promover a troca de conhecimentos e experiências entre os estudantes de diferentes idades. Martins e Terblanche (2014) ressaltam que a troca de mentorias entre gerações pode ser altamente benéfica para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. Por exemplo, um jovem estudante pode atuar como mentor de um aluno mais velho que está ingressando na educação formal ou complementar, enquanto o mais velho pode guiar o jovem em temas mais complexos e filosóficos.

Martins e Terblanche (2014) destacam que,

(...) os programas intergeracionais na educação oferecem uma oportunidade para que jovens e idosos aprendam uns com os outros. Isso não só melhora a convivência e a empatia entre as gerações, mas também permite que todos se beneficiem do aprendizado e da troca de perspectivas (Martins e Terblanche, 2014, p. 78).

Essas interações podem ocorrer não apenas dentro da sala de aula, mas também em ambientes fora da escola, como em oficinas comunitárias, onde crianças, jovens, adultos e idosos podem colaborar em projetos conjuntos, como feiras de ciências, atividades culturais e debates.

Embora a diversidade geracional traga muitos benefícios, a discriminação etária ou etarismo pode ser um obstáculo significativo para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e igualitária. O etarismo na educação manifesta-se de diferentes formas, desde a subestimação das capacidades dos estudantes mais velhos até a discriminação contra os mais jovens. Isso pode ocorrer tanto em nível individual, entre alunos e professores, quanto institucional, por meio de práticas pedagógicas ou políticas educacionais que favorecem um determinado grupo etário.

Um exemplo claro de etarismo no contexto escolar é a suposição de que estudantes mais velhos (particularmente aqueles que retornam ao sistema de ensino após um período de interrupção, como no

caso da Educação de Jovens e Adultos - EJA) não possuem capacidade para se adaptar às novas tecnologias ou ao formato de ensino atual. Muitos educadores, sem perceber, podem subestimar as habilidades de aprendizagem de alunos mais velhos, o que pode criar barreiras no processo de ensino-aprendizagem.

Butler (2002) explica que,

(...) o etarismo no ambiente educacional não se limita a uma faixa etária específica. Ele se manifesta quando há suposições ou estereótipos que limitam o potencial de alunos mais velhos ou mais jovens, criando um espaço onde os indivíduos são classificados e rotulados com base na sua idade, em vez de suas habilidades reais (Butler, 2002, p. 33).

Da mesma forma, estudantes mais jovens também podem ser vítimas de estereótipos. Em muitos contextos educacionais, há uma ideia preconcebida de que os jovens são "imediatistas", pouco comprometidos com a aprendizagem profunda e mais focados no consumo rápido de informações. Esse estereótipo pode resultar em uma abordagem pedagógica que não valoriza as novas formas de pensar e aprender trazidas pelas gerações mais novas, limitando suas oportunidades de expressão e participação no processo educacional.

A convivência entre diferentes gerações no ambiente educacional representa uma grande oportunidade para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma troca de conhecimentos e experiências que beneficia todos os envolvidos. No entanto, para que essa troca seja produtiva, é fundamental que a educação seja construída sobre os pilares do respeito, inclusão e valorização das diferenças geracionais. O etarismo, ao contrário, impede que os indivíduos sejam vistos em sua totalidade e potencial, limitando suas oportunidades e criando um ambiente de discriminação.

A superação do etarismo na educação requer uma abordagem pedagógica intergeracional, que não apenas reconheça as competências de cada faixa etária, mas também incentive o aprendizado mútuo. Com práticas educacionais que integrem diferentes gerações de maneira respeitosa e colaborativa, é possível construir um ambiente de ensino mais inclusivo, que valorize o aprendizado de todos, independentemente da idade.

O etarismo na educação não se limita apenas à discriminação direta entre alunos, mas também afeta profundamente a dinâmica do ambiente escolar, com repercussões em termos de acesso ao conhecimento, oportunidades de desenvolvimento profissional e até mesmo relacionamentos interpessoais. A percepção de que um aluno é "muito velho" ou "muito jovem" para aprender, ou que certas faixas etárias não podem ou não devem interagir, cria um espaço pedagógico desequilibrado,

onde as potencialidades de cada geração são desconsideradas. Esse tipo de preconceito impacta diretamente a qualidade da aprendizagem.

No contexto dos idosos que buscam a educação formal ou complementar, o etarismo pode manifestar-se em estereótipos negativos sobre sua capacidade cognitiva e adaptação a novos métodos pedagógicos. O acesso à Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo, é frequentemente dificultado por atitudes preconceituosas de professores e colegas, que acreditam que os alunos mais velhos têm dificuldades em acompanhar conteúdos atualizados ou em se adaptar às tecnologias de ensino, como as plataformas digitais.

Segundo Lévy (2010),

(...) a discriminação etária em salas de aula de EJA é um fenômeno presente em diversas instituições, onde os educadores, por preconceito ou desconhecimento, muitas vezes limitam o potencial de aprendizagem dos alunos mais velhos. A capacidade de adaptação de pessoas idosas ao ensino moderno é frequentemente subestimada, o que gera um ciclo de exclusão e limitações no processo educacional (Lévy, 2010, p. 92).

Da mesma forma, o etarismo em relação aos jovens estudantes também tem impactos negativos. Ao assumir que os alunos mais jovens, como os da Geração Z ou Millennials, são "imediatistas", "focados em resultados rápidos" ou "desinteressados em temas profundos", os educadores podem criar abordagens pedagógicas que não incentivam o pensamento crítico e a aprendizagem profunda. Essa falta de confiança nas capacidades de pensamento e reflexão dos jovens pode restringir sua liberdade de explorar e questionar os conteúdos, impedindo o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas.

Veenhoven (2016) descreve que,

(...) os estereótipos negativos sobre a geração mais jovem impactam diretamente sua capacidade de se engajar em processos de aprendizagem reflexivos e autônomos. O excesso de foco na produtividade imediata e em resultados rápidos, por exemplo, pode levar os educadores a negligenciar a formação de habilidades cognitivas mais complexas e o desenvolvimento de valores fundamentais (Veenhoven, 2016, p. 227).

Esses estereótipos afetam tanto o ambiente de sala de aula quanto as políticas educacionais, criando uma barreira para a inclusão plena e o desenvolvimento de um currículo que valorize as diferentes formas de aprendizagem de cada geração.

Para que a convivência entre diferentes gerações seja positiva e produtiva no ambiente escolar, é essencial que as práticas pedagógicas contemplem estratégias inclusivas, que permitam a integração de crianças, jovens, adultos e idosos sem a imposição de estereótipos etários. Superar o etarismo na educação envolve, em primeiro lugar, o reconhecimento das competências e das potencialidades de aprendizagem de cada faixa etária. As instituições educacionais devem adotar políticas que estimulem

o respeito à diversidade etária e promovam práticas pedagógicas que favoreçam a troca entre as gerações.

Uma das formas mais eficazes de superar o etarismo é a implementação de programas de educação intergeracional, que incentivem a cooperação entre as gerações em vez da separação. Atividades pedagógicas que envolvem mentorias intergeracionais, por exemplo, podem ser muito úteis nesse sentido. Nesses programas, estudantes mais velhos atuam como mentores para os mais jovens, e vice-versa. Tal interação não só contribui para a formação acadêmica, mas também promove a troca de saberes, habilidades e valores.

Gergen (2009) defende que,

(...) a troca de experiências entre as gerações no campo educacional proporciona um enriquecimento mútuo, no qual as gerações mais velhas compartilham sua experiência de vida e sabedoria prática, enquanto os mais jovens trazem sua fluência digital e capacidade de adaptação a novas formas de ensino. Esse intercâmbio é essencial para a construção de uma sociedade mais empática e colaborativa (Gergen, 2009, p. 56)

Além disso, o currículo escolar pode ser estruturado de forma a abordar o valor das gerações e das diversas fases da vida. As atividades devem ser planejadas para que todos os estudantes, independentemente da sua faixa etária, possam participar ativamente, sem se sentirem excluídos ou subestimados. A utilização de tecnologias de ensino deve ser uma estratégia democrática, levando em conta tanto as habilidades digitais dos mais jovens quanto a necessidade de adaptação dos mais velhos. Portanto, os professores devem adotar métodos pedagógicos que incluam capacitação digital para todos os alunos, de modo que nenhum grupo se sinta à margem das mudanças tecnológicas.

Gergen et al. (2015) afirmam que,

(...) para promover a inclusão intergeracional no ensino, é necessário que os professores se tornem facilitadores do aprendizado, adaptando-se às necessidades de cada geração. Isso inclui desde o uso de tecnologias digitais até a valorização do conhecimento adquirido ao longo da vida, que são atributos típicos de diferentes faixas etárias (Gergen *et al*, 2015, p. 113)

A formação contínua dos educadores também é crucial para superar o etarismo. Muitos educadores, sem perceber, podem reforçar estereótipos etários em suas práticas pedagógicas, seja por meio de atitudes preconceituosas ou pela falta de estratégias adequadas para trabalhar com a diversidade geracional. O desenvolvimento profissional contínuo dos professores, com foco em práticas pedagógicas inclusivas e na valorização da diversidade, deve ser uma prioridade nas políticas educacionais.

A criação de políticas educacionais que promovam a convivência intergeracional é fundamental para que a educação no Brasil, e em outros contextos globais, avance rumo à inclusão de todos os grupos etários. A implementação de programas de aprendizagem ao longo da vida, que atendem tanto a jovens quanto adultos e idosos, é uma estratégia eficaz para combater o etarismo, oferecendo oportunidades de educação para todas as idades. Esses programas devem ser projetados para responder às necessidades educacionais de diferentes faixas etárias, considerando suas características e ritmos de aprendizagem.

Outra medida importante é a inclusão de atividades extracurriculares intergeracionais, como feiras de ciência, clubes de leitura e projetos comunitários, que envolvem crianças, jovens, adultos e idosos em atividades colaborativas. Tais iniciativas criam um ambiente de aprendizado mais inclusivo e permitem que os estudantes experimentem diferentes formas de pensar, respeitando a diversidade geracional e promovendo a cidadania ativa.

A diversidade geracional nas escolas oferece um campo fértil para a construção de um ambiente educacional inclusivo, que respeita e valoriza as diferentes fases da vida. Quando bem administrada, essa diversidade promove a troca de saberes, aprendizado mútuo e desenvolvimento de competências transversais, essenciais para o mundo contemporâneo. Por outro lado, o etarismo – a discriminação com base na idade – pode criar barreiras significativas para a aprendizagem, levando à exclusão de grupos etários e limitando o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Superar o etarismo na educação exige a adoção de práticas pedagógicas inclusivas e intergeracionais, onde todas as faixas etárias têm sua capacidade de aprendizagem reconhecida. A promoção de atividades intergeracionais e a implementação de políticas educacionais que favoreçam o respeito à diversidade geracional são caminhos fundamentais para criar um ambiente escolar mais justo, colaborativo e inovador. Além disso, é essencial que educadores sejam continuamente capacitados para lidar com a diversidade etária e para criar espaços de aprendizado que sejam acessíveis e estimulantes para todas as idades.

Por fim, ao promover a inclusão de todas as gerações, as escolas não só contribuem para a formação acadêmica dos indivíduos, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, empática e colaborativa, onde o respeito às diferenças geracionais seja a base para um aprendizado transformador e para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

2 A INCLUSÃO INTERGERACIONAL NO ENSINO SUPERIOR E EM PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A implementação de práticas intergeracionais no ensino superior e em programas como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) oferece um panorama positivo sobre o potencial de aprendizado coletivo entre diferentes faixas etárias. Embora o foco das instituições de ensino superior seja, tradicionalmente, a formação de jovens, cada vez mais o ensino superior tem acolhido alunos mais velhos, incluindo profissionais que buscam a formação contínua, ou até mesmo aqueles que retornam à educação formal após um período de afastamento do ambiente acadêmico.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), especificamente, é um exemplo claro de como a educação pode ser uma ferramenta de inclusão geracional, oferecendo uma segunda chance de aprendizado para aqueles que, por diferentes motivos, não tiveram acesso à educação na idade convencional. Nesse contexto, o etarismo, se não for adequadamente abordado, pode criar um espaço de exclusão, onde os mais velhos se sentem marginalizados ou desmotivados a continuar seus estudos. A formação de professores para atuar com diferentes faixas etárias é crucial nesse sentido, garantindo que educadores saibam como lidar com as necessidades cognitivas e emocionais de cada geração, além de evitar estereótipos relacionados à idade.

Siqueira e Guidotti (2017) observa que,

(...) os programas de EJA precisam ser repensados a partir de uma abordagem mais inclusiva, que não apenas garanta a aprendizagem de conteúdos acadêmicos, mas também valorize a vivência e as experiências de vida dos alunos mais velhos, sem que eles sejam vistos como incapazes ou desinteressados no processo educacional (Siqueira e Guidotti, 2017, p. 45).

Nos programas de educação superior, o fenômeno intergeracional também tem se mostrado cada vez mais presente, com uma combinação de estudantes jovens, de meia-idade e mais velhos em cursos de graduação, pós-graduação e educação continuada. Embora a convivência de diferentes idades traga desafios, especialmente em cursos de ritmo acelerado, os benefícios são claros: ao interagir com colegas de diferentes gerações, os alunos desenvolvem habilidades socioemocionais, como empatia, respeito e comunicação eficaz. Tais habilidades são essenciais não apenas no contexto acadêmico, mas também no mercado de trabalho, que exige cada vez mais uma abordagem colaborativa e inclusiva.

Miller e McKinley (2013) ressaltam que,

(...) a convivência intergeracional no ensino superior favorece o desenvolvimento de habilidades interpessoais, como o trabalho em equipe e a resolução de conflitos, aspectos que são essenciais para a formação de profissionais preparados para lidar com um mercado de trabalho dinâmico e diversificado (Miller e McKinley, 2013, p. 92).

Esses aspectos podem ser particularmente vantajosos para programas de pós-graduação e cursos de extensão, que têm se tornado cada vez mais populares entre pessoas de diferentes faixas etárias, especialmente na busca por especialização ou reconversão profissional. A presença de alunos mais velhos enriquece a experiência do grupo, pois traz consigo diversidade de perspectivas sobre os temas tratados, além de uma bagagem de experiências práticas que contribui para debates mais profundos.

3 A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO INTERGERACIONAL

Um dos pilares mais importantes para a efetiva implementação de uma educação intergeracional é a capacitação contínua dos professores. Para que a convivência entre diferentes gerações seja harmoniosa e produtiva, é essencial que os educadores estejam preparados para lidar com as diferentes necessidades cognitivas, emocionais e sociais de crianças, jovens, adultos e idosos. Além disso, os educadores devem ser capazes de promover um ambiente que respeite as particularidades de cada geração e valorize as potencialidades de cada uma delas, ao mesmo tempo que propõe atividades que estimulem a troca intergeracional.

Paz, Lopes, Lima, Gutiérrez e Silva (2025) apontam que

(...) a formação contínua de educadores, com foco na diversidade etária, é fundamental para garantir que os professores saibam como motivar e apoiar alunos de diferentes idades. Isso envolve a aprendizagem de técnicas pedagógicas que contemplem as necessidades específicas de cada faixa etária, ao mesmo tempo que incentivem o aprendizado coletivo. (Paz, Lopes, Lima Gutiérrez e Silva 2025, p. e16923).

A capacitação dos educadores deve incluir tanto a compreensão teórica dos desafios que a diversidade geracional impõe, quanto a aquisição de habilidades práticas para integrar as diferentes gerações de maneira eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, os educadores precisam ser incentivados a adotar métodos que favoreçam a inclusão, evitando cair em práticas excludentes, como a valorização excessiva da formação acadêmica tradicional em detrimento de abordagens mais flexíveis e adaptáveis às necessidades dos alunos de todas as idades.

Para garantir que a educação intergeracional seja bem-sucedida, as escolas e universidades devem criar ambientes de aprendizado colaborativo, onde alunos de diferentes idades possam trabalhar juntos em projetos, pesquisas ou tarefas. Esses ambientes, além de promoverem o aprendizado mútuo, ajudam a desconstruir preconceitos sobre as gerações mais velhas e mais jovens.

Gergen et al. (2015) argumentam que,

(...) os métodos interativos de ensino, que incentivam o trabalho colaborativo e a troca de conhecimentos entre diferentes faixas etárias, são essenciais para criar um ambiente educacional mais inclusivo e dinâmico. Esses métodos não só favorecem o aprendizado, mas também ajudam a fortalecer os laços sociais entre os alunos, superando as barreiras etárias (Gergen *et al*, 2015, p. 120) .

As tecnologias educacionais têm um papel fundamental na promoção da inclusão geracional nas escolas e universidades. No contexto da educação intergeracional, é essencial que as tecnologias não sejam vistas como uma barreira entre as gerações, mas como uma ferramenta que pode ser utilizada para aproximá-las. Jovens estudantes geralmente têm mais familiaridade com as novas tecnologias, mas isso não significa que as gerações mais velhas sejam incapazes de aprender a utilizá-las.

Programas de capacitação digital devem ser parte integrante da educação intergeracional. Oficinas de inclusão digital para professores e alunos mais velhos, por exemplo, podem ajudar a integrar os alunos mais experientes nas novas metodologias de ensino, além de promover a autonomia e a confiança dos adultos e idosos no uso das tecnologias.

Prensky (2007) enfatiza que,

(...) o uso da tecnologia no ensino não deve ser uma exclusividade das gerações mais jovens. Ao contrário, as gerações mais velhas também podem se beneficiar de ferramentas digitais para expandir seu aprendizado e se conectar com as novas formas de comunicação e ensino. A capacitação digital intergeracional deve ser vista como uma oportunidade para todos, e não como uma tarefa exclusiva para uma faixa etária (Prensky, 2007, p. 45) .

Quando implementadas corretamente, as tecnologias podem ser um elo de integração entre as gerações, ao possibilitar uma comunicação mais eficaz e formas inovadoras de aprendizado colaborativo. O uso de plataformas de aprendizado on-line, redes sociais educativas e ferramentas de colaboração digital podem criar espaços onde alunos de diferentes idades compartilham conhecimento de maneira equitativa.

Nesse sentido, a educação intergeracional é uma das chaves para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária, onde as barreiras etárias não impedem a troca de experiências e saberes. A convivência entre diferentes gerações nas escolas e universidades oferece benefícios inestimáveis para o processo de aprendizagem, promovendo o respeito à diversidade, o aprimoramento das habilidades cognitivas e o desenvolvimento de competências essenciais para o mundo contemporâneo.

Entretanto, para que a convivência intergeracional seja verdadeiramente benéfica, é fundamental que o etarismo seja combatido por meio de práticas pedagógicas inclusivas e políticas educacionais que promovam a igualdade de oportunidades para todas as faixas etárias. A capacitação dos educadores, a adaptação do currículo e a promoção de programas de educação ao longo da vida

são passos essenciais para garantir que todas as gerações sejam respeitadas e valorizadas no processo educativo.

Ao adotar essas práticas, as escolas e universidades poderão criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, colaborativo e empático, onde todos, independentemente da idade, possam aprender, ensinar e crescer juntos. Este é o caminho para uma educação mais justa, acessível e transformadora, que prepara os cidadãos para enfrentar os desafios de um mundo em constante mudança, em que a diversidade geracional será cada vez mais um fator central para a inovação e o progresso.

4 POLÍTICAS PÚBLICAS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

A implementação de políticas públicas intergeracionais é essencial para garantir que a diversidade etária seja reconhecida e respeitada no sistema educacional. A forma como as instituições de ensino lidam com a convivência entre diferentes faixas etárias pode fazer toda a diferença na construção de um ambiente inclusivo, onde alunos de todas as idades se sintam valorizados e capazes de contribuir para o processo educacional.

No Brasil, políticas como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que busca reintegrar adultos e idosos ao sistema educacional, desempenham um papel fundamental. No entanto, a verdadeira inclusão não pode se limitar ao acesso formal ao conhecimento. Para que a educação seja verdadeiramente transformadora, ela deve permitir que as gerações convivam, compartilhem experiências e adquiram habilidades que vão além do currículo tradicional. Isso implica, entre outras coisas, na criação de espaços de aprendizado intergeracional, onde atividades colaborativas entre alunos de diferentes idades sejam realizadas de forma intencional.

Siqueira e Guidotti (2017) observa que,

(...) a verdadeira inclusão intergeracional só acontece quando as políticas públicas educacionais vão além da oferta de conteúdos acadêmicos, permitindo que as diferentes gerações compartilhem vivências e saberes, criando uma rede de aprendizagens coletivas que fortalece a comunidade escolar (Siqueira e Guidotti, 2017, p. 102).

Além da EJA, outras iniciativas como programas de educação para a terceira idade, projetos de intercâmbio intergeracional, e programas de mentorias, podem integrar alunos de diferentes idades em um mesmo ambiente de aprendizado. O governo, juntamente com as instituições educacionais, tem um papel importante na criação de estruturas e incentivos que favoreçam a convivência entre gerações.

Por exemplo, as políticas públicas podem garantir que a infraestrutura das escolas seja adaptada para receber alunos de todas as idades, com mobiliário adequado para as diferentes necessidades (por

exemplo, assentos ergonômicos para idosos), além de tecnologias acessíveis, como softwares que atendam às necessidades dos alunos mais velhos, que podem ter dificuldades com ferramentas digitais, ou tecnologias de apoio para alunos com deficiências.

Apesar dos benefícios evidentes, a integração de diferentes gerações no espaço escolar pode gerar alguns desafios. Para os educadores, esse processo pode demandar uma adaptação significativa tanto nas metodologias de ensino quanto nas estratégias de gestão da sala de aula. Trabalhar com grupos etários variados exige habilidades pedagógicas específicas e uma postura inclusiva, que reconheça as necessidades e contribuições de cada geração.

Um dos principais desafios é evitar o tratamento homogêneo dos alunos, o que é uma tendência natural em sistemas educacionais que priorizam o ensino tradicional. Cada geração tem suas particularidades e, portanto, requer abordagens específicas. Por exemplo, os jovens podem se beneficiar de métodos mais dinâmicos e tecnológicos, como o uso de plataformas digitais e redes sociais, enquanto os adultos e idosos podem precisar de métodos mais tradicionais, com maior apoio didático e atenção ao ritmo de aprendizagem.

Além disso, o desafio do etarismo pode vir de ambas as partes: os educadores podem ter preconceitos sobre as capacidades cognitivas dos alunos mais velhos, e os alunos mais velhos podem ter dificuldade em lidar com as diferenças de abordagem pedagógica dos mais jovens. Superar essa barreira exige sensibilidade emocional e uma abordagem pedagógica que promova a cooperação e o respeito mútuo.

Freire (1996) destaca que

(...) a educação, quando se pretende inclusiva, deve ser uma experiência de solidariedade, onde as diferenças são respeitadas e celebradas, e não fonte de divisão ou discriminação. Para tanto, é preciso que educadores estejam preparados para lidar com essas diferenças, criando um espaço onde cada aluno se sinta acolhido, seja qual for sua idade ou experiência de vida (Freire, 1996, p. 21)

Superar o etarismo na educação exige a implementação de estratégias pedagógicas que desafiem os estereótipos relacionados à idade e promovam a valorização das experiências e competências de todas as gerações. Isso envolve a criação de atividades que favoreçam a colaboração entre gerações e que permitam que cada grupo compartilhe seus saberes. Algumas dessas estratégias incluem:

Mentorias Intergeracionais, como já mencionado, programas de mentorias em que estudantes mais velhos orientam jovens estudantes podem ser extremamente eficazes. Essas mentorias permitem que os alunos mais novos se beneficiem da experiência de vida e do conhecimento adquirido ao longo

do tempo, enquanto os mais velhos podem se atualizar em novas abordagens pedagógicas ou tecnológicas.

Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), onde se desenvolvem projetos colaborativos, em grupos de alunos de diferentes idades, os quais trabalham juntos para resolver problemas ou criar algo, como, por exemplo, um projeto de arte, uma pesquisa científica ou um evento comunitário entre outros, ajuda a quebrar barreiras geracionais e promove a troca de conhecimentos.

Um ensino coletivo e inclusivo que envolve familiares, amigos e a comunidade nas atividades educacionais, trazendo a perspectiva de diferentes idades para dentro da escola, também pode ser uma estratégia eficaz para superar o etarismo. Ao incluir pais, avós e outros membros da comunidade em atividades escolares, a escola se torna um local mais inclusivo, onde as gerações se veem como colaboradoras no processo educacional.

A garantia de formação para o uso de tecnologias. Afinal, como já citado, o uso de tecnologias no ambiente educacional não deve ser exclusivo de uma faixa etária. Para que a inclusão digital seja real, é necessário garantir que as gerações mais velhas recebam treinamento adequado. Programas específicos de alfabetização digital para adultos e idosos são fundamentais para garantir que todos possam se beneficiar do acesso à educação digital.

Discussões e debates constantes sobre a qualidade ambiental e a saúde mental de todas e todos constitui uma iniciativa salutar: Estimular debates intergeracionais sobre temas relevantes, como valores sociais, ética, tecnologia e cidadania, permite que os estudantes de diferentes idades compartilhem suas perspectivas e compreendam melhor as visões do outro. Isso promove a empatia e a resolução de conflitos, habilidades essenciais para a convivência harmoniosa no ambiente escolar.

Moraes, Cruz e Moura (2023) afirma que

(...) as escolas devem se tornar espaços de construção de relações entre gerações, onde a educação se dá pela troca, pela escuta ativa e pelo respeito mútuo. Atividades como debates, trabalhos coletivos e projetos intergeracionais são fundamentais para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e enriquecedor para todos (Moraes, Cruz e Moura 2023, p. 11).

Para que a educação intergeracional se torne uma prática cotidiana nas escolas, é essencial que o currículo seja adaptado para reconhecer as especificidades de cada geração. Isso não significa criar conteúdos diferentes para cada faixa etária, mas sim incluir a questão etária como um eixo transversal nas disciplinas. Discutir a diversidade geracional, os desafios e as oportunidades de cada fase da vida e as questões intergeracionais devem ser uma prática comum em todas as áreas do conhecimento.

O currículo deve ser mais do que uma sequência de conteúdos a serem ensinados; ele precisa ser contextualizado, considerando as realidades sociais e culturais de todas as faixas etárias. Histórias

de vida, experiências pessoais e saberes acumulados de diferentes gerações podem ser integrados às aulas, promovendo o aprendizado coletivo e o respeito pelas diversas formas de saber.

A educação intergeracional representa uma oportunidade ímpar para a criação de ambientes de aprendizado mais dinâmicos, diversificados e colaborativos, onde as gerações compartilham conhecimentos, experiências e habilidades. Superar o etarismo na educação é um passo crucial para garantir que todas as gerações tenham acesso às mesmas oportunidades de aprendizado, independentemente da idade. Para isso, é necessário adotar práticas pedagógicas que reconheçam as diferenças e semelhanças entre as faixas etárias e promover estratégias de integração intergeracional.

Tanto as políticas públicas quanto as práticas educacionais devem ser repensadas para garantir que a educação seja inclusiva e respeite as diversas fases da vida. Capacitar os educadores, criar ambientes de aprendizagem que promovam a colaboração entre gerações e oferecer programas que integrem diferentes faixas etárias são fundamentais para construir uma educação mais igualitária e transformadora.

A diversidade geracional nas escolas não é apenas uma questão de acessibilidade, mas uma riqueza que pode contribuir significativamente para o desenvolvimento social e individual de todos os alunos. Ao fomentar a convivência e a troca entre as gerações, a educação pode se tornar uma poderosa ferramenta para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde o etarismo seja superado e o aprendizado seja enriquecido pela contribuição de todos, independentemente da idade.

5 O PAPEL DA FAMÍLIA E DA COMUNIDADE NA EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

A família e a comunidade têm um papel fundamental na implementação e promoção da educação intergeracional nas escolas. Embora o sistema educacional seja um dos principais agentes de formação de valores e conhecimentos, as relações familiares e os vínculos comunitários oferecem uma base de apoio vital para garantir que as práticas pedagógicas intergeracionais sejam realmente eficazes e duradouras.

Ao envolver as famílias, especialmente os avós e outros membros mais velhos da comunidade, as escolas podem criar um ambiente de aprendizado mais rico, onde a convivência de diferentes gerações contribui diretamente para o desenvolvimento do estudante. Isso pode ocorrer por meio de ações de voluntariado, como quando os mais velhos auxiliam os mais jovens em atividades de leitura ou nas lições de casa, ou quando há eventos comunitários que promovem o compartilhamento de saberes entre diferentes faixas etárias.

Em muitas culturas, a família tem um papel essencial na transmissão de saberes e tradições. Nesse contexto, a educação formal pode se tornar ainda mais eficaz quando se combina com o

aprendizado informal proporcionado pela interação entre gerações, tanto no âmbito escolar quanto no espaço familiar e comunitário. Este tipo de interação permite que os alunos de todas as idades compreendam mais profundamente a história, as tradições e as perspectivas de vida das gerações anteriores, enquanto os mais velhos têm a chance de aprender novas formas de comunicação e de adaptação às tecnologias e às novas formas de pensar.

Santos, Silva e Ceolho (2017) afirma que

(...) a escola, ao integrar os membros da comunidade e da família no processo de aprendizagem, pode enriquecer a experiência educacional, criando um ambiente de aprendizado intergeracional que não apenas ensina conteúdos acadêmicos, mas também promove a troca de valores e saberes (Santos, Silva e Ceolho, 2017, p. 83).

As ações comunitárias, como festas culturais, feiras de ciência e projetos de leitura intergeracional, são exemplos de como envolver os membros da comunidade em atividades que transcendem a sala de aula e que estimulam o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento. Ao colaborar com os mais jovens, os adultos e idosos podem sentir que estão contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e inclusiva, o que pode aumentar o seu senso de valor e participação na sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração de diferentes gerações nas escolas é uma questão que vai além da inclusão simples de estudantes de diversas idades. Ela envolve a criação de uma cultura educacional que valorize as experiências de vida e os saberes de todos, proporcionando um espaço onde a troca entre gerações seja vista como um processo enriquecedor e formador.

O combate ao etarismo é fundamental nesse contexto, pois ele assegura que as gerações mais velhas não sejam estigmatizadas como incapazes ou desinteressadas, e que os jovens não sejam vistos como imaturos ou inexperientes. Em vez disso, a convivência intergeracional deve ser vista como uma oportunidade de aprendizado mútuo, onde o desenvolvimento intelectual, emocional e social é estimulado por diferentes perspectivas de vida.

A educação intergeracional oferece um caminho para a construção de uma sociedade mais colaborativa, onde as diferentes gerações não são separadas por barreiras etárias, mas unidas pela vivência compartilhada de um mundo em constante mudança. Portanto, a educação intergeracional não deve ser apenas um objetivo, mas uma necessidade estratégica para o futuro da educação e da convivência social. A escola, enquanto espaço de formação humana, tem um papel crucial na promoção dessa integração e no fortalecimento das relações sociais que transcendam a divisão por idade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GERGEN, Kenneth J.; MCKINLEY, Megan; MILLER, Philip. **Educação intergeracional**: desafios e oportunidades. New York: Oxford University Press, 2015.

MORAES, Rosana Eulâmpio de; CRUZ, Rebeca Carmo de Souza; MOURA, Leides Barroso Azevedo. Perspectiva de uma educação intergeracional para todas as gerações. **Revista Pedagógica**, [S. l.], v. 25, p. 1–16, 2023. DOI: 10.22196/rp.v25i1.7551. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7551>. Acesso em: 14 dez. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010

MILLER, Philip; MCKINLEY, Megan. **Intergenerational learning**: theory and practice. London: Routledge, 2013.

PAZ, José Flávio da; LOPES, Ivana Carla de Oliveira; LIMA, Joselene Granja Costa Castro; GUTIÉRREZ, Néstor Raúl González; SILVA, Rute Barboza da. Educação integral, formação crítica e ensino de língua hispânica: metodologias ativas e práticas docentes. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 22, n. 8, p. e16917, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n8-029. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/16917>. Acesso em: 04 dez. 2025.

PRENSKY, Marc. Changing paradigms from “being taught” to “learning on your own with guidance”. **Educational Technology**, July-Aug, 2007. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2025.

SANTOS, Arlete Ramos dos; SILVA, Julia Maria da Silva Oliveira, COELHO, Livia Andrade Coelho (orgs.) **Educação e sua diversidade** . Ilhéus, BA: Editus, 2017.

SIQUEIRA, Antonio Rodolfo de; GUIDOTTI, Viviane. **Educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: SAGAH, 2017.

VEENHOVEN, Ruut. Overall satisfaction with life: Subjective approaches. In W. Glatzer, L. Camfield, V. Moller, & M. Rojas (Eds.), **The global handbook of quality of life**: explorations of wellbeing of nations and continents (pp. 207-238). Springer-Verlag. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-017-9178-6_9. Acesso em: 02 dez. 2025.